

## Boa Prática – Ortodontia com ética

por Mauricio Accorsi – accorsi23@hotmail.com

**Ensino na Ortodontia** – Comportamento ético em tempos de revolução tecnológica e conceitual e o papel da indústria

*“Nossa vida começa a terminar no dia em que ficamos em silêncio sobre coisas que importam.” (Martin Luther King, Jr)*

Nenhuma profissão deveria ter mais relevância em uma sociedade livre e contemporânea do que a da arte de ensinar, de formar bons profissionais envolvidos com o futuro de uma nação. Infelizmente, ao contrário desse ideal e seguindo o exemplo de um país em colapso, tomado pela corrupção, pelo individualismo e pelo descaso, a nossa “educação ortodôntica” também encontra-se comprometida em grande medida após décadas de exploração.

Apesar de termos grandes escolas e grandes professores na ortodontia brasileira, com uma prática clínica e produção científica reconhecidas internacionalmente, todos nós sabemos que a especialidade luta contra a mercantilização há muito tempo. Sequestrada em parte pela indústria dos chamados “cursos espúrios”, em conjunto com uma oferta indiscriminada de suprimentos de baixíssimo valor agregado, publicidade antiética e uso ilegal de auxiliares para o atendimento em massa, a especialidade se vê as voltas com uma deterioração em sua imagem, o que vem sendo retratado por vários episódios nas mídias recentemente. Infelizmente, isso resulta em uma percepção equivocada da sociedade sobre o que fazemos, levando à inúmeros processos éticos nos conselhos regionais de odontologia, e cíveis na justiça comum.

A formação clássica do ortodontista brasileiro sempre foi focada em uma capacitação profissional necessária a aplicação de princípios mecânicos à biologia dentomaxilo-facial com o objetivo de se movimentar dentes. E, seguindo esse modelo de ensino comercial agressivo, muitos “mestres” venderam aos seus alunos o sonho de uma ortodontia altamente rentável, simples e de fácil execução, como se os movimentos obtidos em manequins imersos em água morna pudessem se materializar como em um passe de mágica nas bocas dos nossos clientes, dispensando-se maiores cuidados com as fases iniciais de diagnóstico e planejamento. E, apesar de



todos os esforços para a regulamentação dos novos cursos de especialização junto aos órgãos competentes, ainda prevalece o poder econômico das grandes corporações que monopolizam o ensino da Odontologia no Brasil, atendendo-se também a demanda de inúmeros colegas muito mais interessados em obterem “títulos” do que em realmente se capacitarem de forma adequada para oferecerem um serviço de excelência aos seus clientes e/ou alunos. Como na fábula do grego Esopo, esse estereótipo de “professor” matou sua galinha dos ovos de ouro e agora vive dias incertos em meio a uma revolução tecnológica que promete virar de cabeça para baixo a prática da nossa especialidade nos próximos anos.

Aqui cabe a nossa primeira reflexão que possui conotações práticas e éticas. Qual o modelo de profissional que queremos para o futuro? Um técnico capaz de movimentar dentes por meio de sua habilidade manual, ou um cientista antenado com as facilidades oferecidas pelas novas tecnologias, porém capacitado a exercer com maestria as fases mais importantes de qualquer tratamento, como um correto diagnóstico, levando a um adequado processo de decisão terapêutica e planejamento? Atender as necessidades e demandas dos clientes com segurança, previsibilidade, conforto e rapidez, levando-se em conta o atual paradigma da qualidade de vida nos parece o caminho mais acertado a se seguir.



Caso a opção seja pela “habilidade manual”, teremos que continuar lidando com um grande passivo, fruto de anos de exploração e descaso que relegaram a ortodontia a esse patamar técnico, que supervaloriza a obtenção de resultados baseados em normas dogmática e faz dessa “habilidade manual” o grande trunfo profissional em detrimento de um conhecimento científico mais abrangente e contemporâneo. Em outras palavras, confundir as queixas principais dos nossos clientes, com as “nossas queixas principais” pode significar em breve o fim da especialidade como a conhecemos, especialmente pela velocidade dos avanços tecnológicos e seu potencial para a “substituição da atuação profissional”.

Por outro lado, ao optarmos pela segunda opção, mais desejável aos nossos olhos, precisaremos repensar o conteúdo e o formato dos nossos cursos de formação, dando-se mais ênfase ao estudo da biologia craniofacial, ao impacto das funções mastigatórias, fala e respiração na qualidade de vida dos nossos clientes, e nas potenciais condições patológicas sistêmicas que podem estar associadas ao posicionamento espacial das bases esqueléticas. Um exemplo clássico pode ser representado pela SAOS - síndrome da apneia obstrutiva do sono e sua relação com o posicionamento espacial de maxila e mandíbula, condição mais bem diagnosticada por meios dos novos exames que permitem a obtenção de imagens 3D da anatomia real. Dessa forma, passaríamos a dar menos importância à obtenção de medidas cefalométricas baseadas em normas

arbitrárias, valorizando-se uma análise mais subjetiva e individualizada do ponto de vista da morfologia craniofacial, da mesma forma que nossos colegas médicos avaliam e tratam seus pacientes, deixando claro para a sociedade o real valor da nossa profissão e do especialista bem formado.

Com a mesma relevância, precisaremos também dar mais importância aos aspectos socioemocionais relacionados a autoestima de nossos clientes na presença de desarmonias faciais e sorrisos comprometidos esteticamente. Enfim, precisamos ensinar os nossos alunos a valorizarem suas habilidades mentais, da mesma forma que os ensinamos a valorizar suas habilidades manuais. Segundo Proffit, as más-oclusões não podem mais ser consideradas “patologias em essência” e a nossa área de atuação estaria muito mais relacionada à nossa capacidade de aprimoramento das características dentofaciais de forma a promover bem-estar e qualidade de vida, do que em se “curar uma doença”.

Finalmente, precisamos entender melhor esse mundo em constante mudança em que vivemos, especialmente em relação aos avanços tecnológicos que permitem a customização de todos os passos de um tratamento ortodôntico, facilitando de maneira inédita a obtenção de objetivos de tratamento com maior previsibilidade, segurança e conforto aos nossos clientes. E aqui, cabe mais uma reflexão ética, agora relacionada justamente a influência determinante desse poder econômico representado pelos fabricantes, que

estão cada vez mais utilizando suas capacidades de desenvolvimento tecnológico de forma a oferecerem seus produtos, por meio de um marketing agressivo, diretamente aos consumidores finais.

Será que esse *bypass* da indústria na prerrogativa profissional de selecionar as “ferramentas de trabalho” mais adequadas a cada caso, pode representar uma ameaça à independência liberal do cirurgião-dentista? Quando colegas se intitulam “X-men Doctors” ou “007 Doctors” em seus marketings pessoais, estariam na verdade submetendo-se a uma perigosa manipulação promovida pela indústria, em um mundo que supervaloriza a imagem e o ego? Seria ética essa falsa sensação de superioridade que alguns sentem em relação aos colegas por utilizarem o aparelho X ou Y? Em nossa opinião, essa situação é perniciosa na medida em que influencia a formação de opinião e o mercado, diminuindo a importância individual e supervalorizando o papel dos chamados “aparelhos milagrosos”, o que representa um desserviço à especialidade do ponto de vista conceitual. Ou nos damos conta desse cenário, ou não poderemos reclamar quando essas mesmas companhias passarem a vender seus aparelhos diretamente ao consumidor final, passando por cima de todos nós.

A esperança para um futuro promissor ainda reside na capacidade dos formadores de opinião de passarem a exercer sua vocação essencial de ensinar e formar indivíduos, de forma comprometida com a ética e com os valores morais que regem qualquer sociedade civilizada, deixando de lado a vaidade e o lucro fácil. Essa é a única saída para podermos construir todos juntos uma sociedade melhor para nossos colegas, clientes e para as gerações futuras.

1. Accorsi MOA, Diagnóstico na Era das Selfies, Rev Clin Ortod Dental Press. 2017 Jun-Jul;16(3):28-33.
2. Ackerman MB, Enhancement Orthodontics: Theory and Practice. Ames, Iowa, USA: Wiley-Blackwell;2007. 160p.
3. Ackerman MB, Made to Measure: The Dubious Relationship Between Eugenics and Orthodontics. The Progressive Orthodontics. 2018;1(1):24-27.
4. Proffit WR, Fields HW, Sarver DM. Contemporary Orthodontics. 5 Ed, Elsevier;2013. 768p.